



19º Congresso Internacional de Administração

ADM 2006

Ponta Grossa, Paraná, Brasil,
19 a 22 de Setembro de 2006

O impacto da gripe aviária nas empresas produtoras e exportadoras de frango: ameaças e soluções

Clemilson Oliveira da Rocha (UEPG) clemilson222@hotmail.com

Sérgio Escorsim (UEPG) escorsim@uol.com.br

Gláucia Maria Galan Siebert (UEPG) glauciagalan@yahoo.com.br

Iareci Meira e Silva Lopes (UEPG) iareci@bol.com.br

Otávio Bedin Neto (UEPG) Otavio.bedin.neto@bol.com.br

Resumo

Este artigo estará abordando as ameaças da Gripe Aviária para humanos e aves. Descreverá seu histórico e trará as possíveis soluções indicadas por pesquisadores e instituições ligadas à avicultura, para controlar a doença que está deixando a população em alerta. Analisa-se a situação atual do Brasil e do mundo, comentando os casos já registrados e confirmados de infecção, as os transtornos causados pela gripe para uma empresa do Paraná e as atitudes tomadas em minimizar os prejuízos que a doença já acarretou.

Palavras-chave: Gestão da Produção; Gripe Aviária, Comércio Internacional.

1. Introdução

O Brasil, país tão bem estruturado em suas exportações, não deu atenção a uma ameaça que estava surgindo. Acreditou que teria benefícios quando a crise da Gripe Aviária começou a prejudicar os países da Europa, uma vez que o país não registrou nenhum caso da doença até o presente momento.

Aconteceu o inverso do esperado, o consumo de carne de aves caiu consideravelmente nos países atingidos pela doença, devido ao medo do contágio. Importadores, como o Japão estão exigindo redução dos valores dispostos nos contratos anteriormente firmados.

Vamos verificar como o país, mais especificamente o estado do Paraná, está se preparando para a Gripe Aviária e, caso seja registrado algum caso da doença, quais seriam as medidas tomadas para segurança do setor, tendo em vista as exportações e o consumo interno.

Um fenômeno deste porte pode significar um impacto profundo na economia, uma vez que haveria a extinção de grande parte dos quatro milhões de emprego, que o setor atualmente possui. Além disso, estudaremos quais as atitudes tomadas pelas empresas e quais as perspectivas para o futuro e as soluções encontradas até agora, já que os efeitos estão saltando aos olhos de todos e sendo sentidos por uma boa parcela da economia brasileira.

Este artigo tem como objetivo tratar de importantes informações sobre a Crise Aviária no setor agroviário, principalmente nas empresas exportadoras, descrevendo as ameaças que tal crise pode acarretar e as soluções a serem tomadas como medida preventiva e corretiva, caso o país chegue a ter focos da doença.

2. A Gripe Aviária no Mundo

Gripe Aviária (gripe das aves em Portugal) é o nome dado à doença causada por uma variedade do vírus *Influenza* (H5N1) hospedada por aves, mas que pode infectar diversos mamíferos. Foi identificada na Itália por volta de 1900, mas é conhecida por existir em grande parte do globo, concentrando-se hoje principalmente no sudeste asiático, mas com casos recentes na Turquia, Romênia e Inglaterra (apenas aves foram infectadas nos três lugares).

O H5N1, vírus causador da gripe aviária, um tipo de vírus *Influenza*, é o responsável pela gripe comum.

As primeiras suspeitas de infecção pelo vírus *Influenza* ocorreram por volta do século V a.C. por Hipócrates, conhecido como pai da medicina, que relatou casos de uma doença respiratória que em algumas semanas matou muitas pessoas e depois desapareceu.

A primeira epidemia de gripe ocorreu em 1889 e 300 mil pessoas morreram, principalmente idosos, em decorrência de complicações, como pneumonia bacteriana secundária. Em 1918, a epidemia conhecida como Gripe Espanhola acometeu cerca de 50% da população mundial e vitimou mais de 40 milhões de pessoas. No Brasil, cerca de 65% da população foi infectada e por volta de 35.240 pessoas morreram.

A gripe asiática, 1957, se espalhou pelo mundo em seis meses e matou cerca de um milhão de pessoas. A gripe de Hong Kong, em 1968, são as mais recentes e de maior repercussão epidêmicas relatadas, juntamente com a gripe aviária. Em 2003, em surto da gripe aviária na Ásia levou as autoridades a ordenarem o sacrifício de dezenas de milhões de aves de criação.

Em 2003, mais um surto foi registrado, novamente em Hong Kong, com dois casos e um óbito. No mesmo ano, Bélgica e Holanda tiveram 83 ocorrências de gripe aviária em humanos, causadas, no entanto, por outro tipo de vírus, o H7N7. Um veterinário morreu. Ainda em 2003, Coréia do Sul e Japão – que não tinham registro da doença desde 1925 – identificaram o vírus entre aves. O surto levou ao abate de milhares de animais e chamou a atenção para o Sudeste Asiático, onde houve as maiores incidências da gripe, com casos detectados em aves do Camboja, da Indonésia, do Laos e da Tailândia. Países próximos, como China, Taiwan e Paquistão, também foram atacados.

No ano seguinte, em 2004, o vírus da *Influenza* aviária atacou duas províncias do sul do Vietnã. As Filipinas eram o único país asiático sem a gripe até julho de 2005, quando foi identificado o primeiro foco.

Uma das explicações para o vírus aviário ter se propagado em humanos em áreas como o Sudeste Asiático é o tipo de manejo dos animais pela população local. Culturalmente, galinhas, patos, marrecos e outras aves são criados em ambientes domésticos, nos quintais das próprias casas. Além de o contato humano com os bichos ser constante, o cuidado sanitário são bem menores e menos rigorosos do que os empregados em produções de escala industrial. Muitas vezes a insalubridade na comercialização também é propícia para espalhar o vírus entre as aves. O temor quanto ao alastramento da gripe aviária chegou à Europa neste ano, quando foram detectados focos na parte oriental da Rússia, na região do Cáucaso. Não tardaria para que o vírus avançasse para a parte ocidental do país, precipitando sua entrada no continente europeu. Em agosto de 2005, especialistas começaram o alerta para uma possível epidemia além das fronteiras asiáticas. Em poucos meses, a Europa teve incidências da gripe, confirmando a teoria.

Só em outubro de 2005, o vírus matou aves na Turquia, na Croácia, na Grécia e na Grã-Bretanha. Houve ainda suspeitas na Romênia. Nesses países, milhões de aves foram exterminadas numa tentativa de isolar as ocorrências. A Bulgária e a Finlândia fizeram testes em animais com suspeita de infecção. Paralelamente, o H5N1 continuou fazendo vítimas humanas na Indonésia (5 casos), na China (1), no Vietnã (1) e na Tailândia (20).

Na Grã-Bretanha, morreu um papagaio que havia sido trazido do Suriname. O episódio forçou a União Européia a restringir o comércio de aves vivas nos países membros, principalmente aquelas provenientes de locais onde casos de gripe aviária foram confirmados. Mas a proibição da entrada desses animais não garante a contenção do vírus, devido à possibilidade de ele ser transportado durante os movimentos migratórios das aves.

Especialistas chamam a atenção para as aves aquáticas migratórias, especialmente os patos selvagens, que são reservatórios naturais da influenza aviária. Esses animais são mais resistentes à infecção e podem carregar o vírus por longas distâncias. Em aves domésticas, os efeitos virais costumam ser altamente letal.

É dessa forma que as Américas temem a chegada da doença. Aves da Colômbia e do Canadá já foram infectadas. No entanto, as amostras revelaram que o vírus nas aves colombianas era o H9 e o tipo viral das canadenses era o H5, mas não havia certeza de que seria o H5N1, causador das mortes na Ásia.

Para o Brasil, a chegada do vírus em países das Américas do Hemisfério Norte – Canadá e Estados Unidos – seria extremamente preocupante, pois é de lá que vêm as aves migratórias que visitam o País.

3. A Situação no Brasil

A gripe aviária afetou o Brasil que é terceiro maior produtor do mundo e o primeiro em exportações, posto que ganhou em 2004 quando ultrapassou os Estados Unidos. A gripe causou maiores problemas principalmente no início de 2006, pois afetou de forma considerável as exportações de frango devido ao pânico da gripe, que se espalhou em vários países fazendo com que o frango desaparecesse da mesa dos consumidores desses países, e muitos desses exportavam o frango do Brasil, principalmente países asiáticos e europeus. Em Março e Abril foram renovados vários contratos e os exportadores tiraram proveito da situação reivindicando redução nos preços. A receita das empresas brasileiras para enfrentar a crise é trivial: Redução da produção em 25%, demissão de funcionários, reduções salariais, férias coletivas.

Segundo cálculos da Embrapa a cadeia produtiva do frango no Brasil, do granjeiro até a indústria gera em torno de 4 milhões de empregos no país e que muitos desses empregos podem ser perdidos se a crise se agravar. Para (Clóvis Puperi diretor executivo da união brasileira de avicultura UBA) os próximos meses serão difíceis, pois só será possível dimensionar o tamanho da crise se a gripe aviária chegar ao Brasil, se isto ocorrer haveria um grande impacto na cadeia produtiva do frango pois da noite para o dia desapareceriam milhares de emprego causados pela grande queda nas exportações e as estimativas são que o consumo interno diminuiria 30%, causando uma super oferta de frango no mercado e uma conseqüente derrubada nos preços.

Faturamento Anual	Exportações	Empregos	Número de empresas
20 bilhões de dólares	3,5 bilhões de dólares	4 milhões	140

(Fonte: União Brasileira de Avicultura e Associação dos Exportadores de Frango)

Figura 1 - Principais dados da cadeia produtiva no Brasil

Nenhum país está livre de receber uma ave migratória infectada, mas no Brasil as chances de proliferação do vírus, ou epidemia da doença são extremamente remotos, por que o país possui um clima quente que diminui a resistência do vírus e o sistema de criação é totalmente diferente da Ásia, pois aqui não há contato direto com as aves dificilmente cria-se animais no fundo do quintal, como ocorre no continente asiática, aqui o sistema industrial permite que em uma granja de até 60 mil frangos apenas uma pessoa mantenha proximidade com as aves.

Outro fato que deve ser levado em consideração é à distância entre as regiões visitadas por aves migratórias e as grandes granjas. As aves migratórias do Canadá e dos Estados Unidos são muito fiéis ao extremo norte e extremo sul do Brasil. Nossas maiores granjas estão localizadas em São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, portanto é praticamente impossível ocorrer uma contaminação em massa.

Em termos do Paraná a gripe aviária já causou várias demissões no setor o estado é o segundo maior produtor, e é o primeiro em exportações, que em 2005 corresponderam a quase 30% do total das exportações de frango do país, por isso o estado é um dos mais afetados com a crise. O Paraná e os outros estados do sul tem a vantagem de ter uma produção altamente tecnológica, o que torna mais difícil algum caso da gripe aviária na região, mas isso não é nenhuma vantagem se o país não tiver a sua produção regionalizada. Mas a principal notícia é que o setor vem dando sinais de recuperação principalmente pelo fato da mídia ter parado de noticiar tanto sobre a gripe aviária, o que causava uma histeria exagerada que acarreta em grandes perdas para o setor.

4. O Caso da Empresa Frango Brasil

O caso que será analisado retrata os efeitos provocados pela Gripe Aviária em uma empresa, que ficticiamente chamaremos de “Frangos Brasil”, localizada na região oeste paranaense no período de dezembro de 2005 a maio de 2006.

A Frangos Brasil tem um histórico de sucessos com trabalhos no setor agroviário. Suas atividades estão divididas em assistência ao produtor criador de frangos, desde o fornecimento dos pintinhos até o abate e industrialização das aves, comercialização no mercado interno e exportações para países da Europa.

Com a ameaça da Gripe Aviária e o embargo da carne brasileira para a Europa e países da Ásia, a empresa começou a sentir os reflexos da doença. Logo, buscou alternativas para minimizar os danos que surgiram e os que por ventura podem surgir.

Os impactos que a empresa sofreu inicialmente foram os cancelamentos de seus contratos de exportações; então a decisão tomada foi direcionar a carne, antes exportada, para o mercado interno, mas como muitos aviários estavam com o plantel em fase de engorda e haveria muitas aves a serem abatidas, as soluções foi selecionar os produtores com melhor tecnologia, no que diz respeito a controles sanitários, biosegurança e infra-estrutura, e permitir que apenas estes, continuassem criando frangos. Outra medida tomada foi o aumento no intervalo entre lotes criados em cada aviário, o que normalmente era de 7 a 10 dias, passou a ser de 40 dias, ou seja, o intervalo entre lotes ficou praticamente igual ao tempo utilizado para cumprir um ciclo de criação de aves de corte.

Com houve redução no processo, as demissões foram inevitáveis, assim, 20% dos colaboradores foram dispensados de suas funções; as atividades da empresa, que eram divididas em três turnos, passaram a ser realizadas em apenas dois turnos, e ainda a empresa parou com suas atividades durante 20 dias, pois deu férias coletivas para seus funcionários.

A repercussão internacional sobre a ameaça da Gripe Aviária foi prejudicial aos avicultores brasileiros, porque assustou demasiadamente a população com relação ao consumo de carne de frango, o que é errôneo, pois a carne processada não transmite a doença. Os países europeus também sentiram a crise de forma a intervirem através da mídia no sentido de estimular o consumo de carne de frango, evidenciando que não se pode adquirir a gripe consumindo carne processada (cozida, frita).

Com o passar dos meses, os estoques de carne nos países importadores, foram baixando. Logo, as exportações voltaram a serem realizadas, porém com muitas restrições e exigências, quanto a controles sanitários e reduções nos preços da carne. Moderadamente, as exportações

estão sendo feitas e muitas atitudes estão sendo tomadas quanto a segurança das aves e humanos envolvidos na atividade.

5. Possíveis Soluções

No cenário internacional Peter Palese (2006), médico da Escola de Medicina Mount Sinai, em Nova York, que trabalha em vacinas entende que existe uma maneira rápida e eficaz de se fazer a proteção da avicultura contra o vírus da gripe aviária. Segundo Peter Palese, a solução reside na aplicação de uma vacina específica que combata a gripe aviária combinada com outra já utilizada para outros tipos de vírus que atacam as aves.

Pesquisas recentes publicadas nas atas da Academia Nacional de Ciências revelaram uma combinação de proteção das aves, através da pulverização. Tais pesquisas visaram também a preocupação de que a imunização poderia esconder um eventual surto da doença ou dificultar o comércio de produtos de aves vacinadas.

O pesquisador Johnson Diversey, (Zona Industrial da Abrunheira - Sintra – Portugal 2006), líder em soluções de higiene, desenvolveu e aplicou programas de limpeza e descontaminação para controle deste vírus, tendo ainda aumentado o estoque dos produtos comprovadamente eficazes na remoção de todos os tipos de vírus, para prevenir possíveis situações de ruptura em caso de pandemia. Efetuou também os teste necessários (EN 14476:2005) para comprovar a eficácia de muitos dos seus produtos desinfetantes contra a gripe aviária tendo para isso utilizado vírus influenza tipo A (H3N8), uma vez que não é possível utilizar a estirpe H5N1 por razões de segurança.

Desta forma, será possível em caso de pandemia, apresentar soluções de higiene e desinfecção, aos seus parceiros, para todos os setores e áreas de aplicação.

Uma campanha de vacinação em massa realmente eficaz precisaria imunizar, pelo menos, 2 bilhões de pessoas. Uma demanda impossível de ser atendida - estima-se que todos os laboratórios do mundo juntos são capazes de produzir, no máximo, 250 milhões de doses de vacina por ano. Que propõe quarentena nas áreas infectadas e o uso em massa do antiviral Tamiflu, do laboratório Roche, que já se mostrou eficaz no combate aos sintomas do vírus H5N1 em humanos.

No cenário brasileiro, segundo o Ministro Roberto Rodrigues, titular da pasta da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, há a preocupação, desde o ano de 2002 – quando surgiram os primeiros casos na Ásia – do Ministério em traçar estratégias de prevenção à doença e ações para o seu eventual surgimento no país. Ainda, segundo o ministro, o governo federal vem dando especial atenção ao caso, inclusive determinando a implementação do Plano de Contingência Brasileiro elaborado pelo o Ministério da Agricultura , pelo Ministério da Saúde e Agência Brasileira de Informações (Abin). O Plano prevê ações nas áreas da vigilância epidemiológica da influenza humana e animal, organização da assistência, aquisição de um estoque estratégico de antivirais, investimentos para a produção nacional de uma vacina específica, informação e comunicação, defesa civil, ações em portos, aeroportos e fronteiras, dentre outros, e deve integrar um plano global do governo federal para o enfrentamento de uma situação emergencial como esta, caso ela venha a ocorrer.

O governo brasileiro buscou referências nas orientações da Organização Mundial de Saúde, as discussões acumuladas até o momento no âmbito do Comitê, a bibliografia disponível sobre a situação mundial da influenza e a consulta a planos de contingência de outros países, para a elaboração do referido plano.

De acordo com José Cerbino Neto, médico infectologista e coordenador do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, no Rio de Janeiro, em uma escala de alerta que varia 1 a 6, determinada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil está no estágio 3 de alerta, dispondo de uma rede preparada para detectar a presença da doença e infra-estrutura para atender possíveis casos.

Icaro Fiechter, do Sindiavipar (Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná), vê na regionalização da produção das aves, cumulada com o controle feito por cada estado da federação e a proibição de transporte de aves vivas de um estado para outro uma saída eficaz para a solução da problemática. Segundo defende o Sindiavipar, os lotes de frangos ou perus não poderão ser produzidos num estado e serem abatidos em outro. O Paraná implantou um programa de sanidade avícola há pelo menos dez anos.

Segundo Barbon, diretor técnico da ASGV (Associação Gaúcha de Avicultura), já foram implementadas medidas sanitárias nos grandes aeroportos, para a detecção de material orgânico trazido de outros países, monitoramento das aves migratórias, pelo Ministério e Secretaria da Agricultura e georreferenciamento dos criatórios e das áreas de migração. Outras atitudes também estão sendo tomadas, como a redução no transporte de frangos e o aumento dos cuidados nos criatórios de galinha caipira, nas proximidades da lagoa dos Patos. Segundo ele, a solução está em seguir as orientações da ASGV e reduzir, no campo, o alojamento de pintos e matrizes medida que atinge hoje 10% dos viveiros. Além disso há que se dobrar a atenção no tocante aos avanços da gripe viária pelos continentes, com o acompanhamento diário das notícias pela Internet e nas medidas tomadas pelas autoridades sanitárias do país, a fim de evitar o ingresso do vírus no país.

Edimilson Migowski, professor doutor de Infectologia da UFRJ/IPPMG afirma que alguns países já existem estoques das vacinas já disponíveis e entende que o Brasil deveria ir pelo mesmo caminho, uma vez que o único centro brasileiro autorizado pela OMS a produzir o imunizante – o Instituto Butantã, em São Paulo – tem capacidade de fabricar apenas 20 mil doses da vacina. Além disso o professor carioca entende que a hipótese de vacinar toda a população contra a gripe comum também deveria constar dos Planos de Contingência de todos os países, série de ações preconizadas pelos governos para conter a pandemia de gripe aviária. Segue explicando e afirma que aumentam as chances de haver a epidemia pelo vírus H5N1, se houver uma epidemia de gripe comum.

Algumas medidas de biosegurança que os produtores podem adotar: Água: Utilizar água de poço artesiano ou fonte protegida. Evitar a utilização de água de riachos ou açudes, pois os mesmos não oferecem condições de proteção. Ração: Somente utilizar rações de empresas idôneas. Fazer compostagem correta das aves mortas. Não alimentar peixes, cães ou outros animais com as carcaças das aves mortas. Proibir as visitas de estranhos na propriedade (pessoas e/ou veículos). Sempre comunicar casos clínicos ao técnico responsável. Fazer controle do cascudinho e roedores. Fazer a aplicação de vacinas e medicamentos segundo orientação do técnico responsável. Fazer a limpeza dos equipamentos de maneira correta. Fazer a descontaminação da propriedade (lavagem do telhado, paredes, cortinado, piso e equipamentos) rotineiramente.

(Fonte: FAEP/SENAR – Boletim Informativo nº 904, 2006)

6. Conclusão

Devido a toda a complexidade da cadeia produtiva do frango, todas as medidas tomadas ou futuramente postas em prática são importantes, porque se alguma atitude não for a correta, todo o trabalho feito até o momento poderá ser perdido, o que acarretaria graves transtornos, como o fechamento de empresas, trazendo como consequência, desempregos.

Por isso, as ações tomadas pelos produtores, como biosegurança, incremento tecnológico na produção, são de suma importância, mas a participação governamental atuando em ações como leis, empréstimos, pesquisas, redução de impostos, e a união entre empresas e funcionários, neste momento de crise, são essenciais, pois se todas essas medidas forem

tomadas conjuntamente farão que a crise diminua ou até mesmo se normalize, com a recuperação das empresas e dos empregos.

7. Referências

MELLO, C. Patrícia. Gripe Aviária já faz Estrago no Brasil, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2006.

MENDES,N,Ruben. **A Johnson Diversey face à Gripe Aviária**. Disponível em:<http://www.hospitaldofuturo.typepad.com/hospitaldofuturo/2006/04/a_johnson_diver.html>. Acesso em 03 mai. 2006.

MIRANDA, C. **Vacinação não conseguiria imunizar o mundo todo contra gripe aviária**. Disponível em: <<http://www.oglobo.globo.com/especiais/vivermelhor/mat/192177668.asp>> Acesso em: 03 mai. 2006.

CONFERÊNCIA HEMISFÉRICA DE VIGILÂNCIA E PREVENÇÃO DE INFLUENZA AVIÁRIA. **Declaração de Brasília**. Disponível em: <http://www.agrolink.com.br/gripeaviaria/artigos_pg_detalhe_noticias.asp> Acesso em:02 mai. 2006.

MEYER, C. Despreparados para a gripe aviária. **Revista Exame**,24 mar. 2006. Disponível em: <http://www.app.exame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0863/economia/m0080965.html> Acesso em: 09 abr. 2006.